



BRAZILIAN JOURNAL
of **SPORT PSYCHOLOGY**
& HUMAN DEVELOPMENT
BJSPhD

PERCEPÇÃO E ESTADO DE HUMOR DE ATLETAS JUVENIS DE VOLEIBOL APÓS A DERROTA DA EQUIPE: um estudo etnográfico

PERCEPTION AND MOOD OF YOUTH VOLLEYBALL PLAYERS AFTER TEAM DEFEAT: an ethnographic study

Rudá Gonçalves¹

Marcos Vinicius Cardoso da Silva¹

Kauan Morão¹

Diego Alves Coelho²

Paula Costa Correia²

Renan Silva Gomiero²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar a percepção e os estados de humor de atletas juvenis de voleibol após a derrota em competições oficiais. Participaram da pesquisa 483 atletas masculinos, com idades entre 17 e 19 anos, integrantes do Campeonato da Liga do Interior do Estado de São Paulo de 2024. A coleta de dados foi realizada por meio de observações diretas e sistemáticas, caderno de campo, questionário sociodemográfico e questionário aberto sobre estados de humor. O referencial teórico abrangeu estudos sobre estados de humor, resiliência e vivências da derrota no esporte coletivo. A abordagem metodológica adotada foi a etnografia, por possibilitar uma compreensão profunda e contextualizada da experiência esportiva. Os resultados esperados indicam que a derrota pode desencadear reações emocionais negativas, mas também favorecer processos de resiliência e aprendizado, dependendo da forma como atletas e equipes elaboram coletivamente essa vivência. Este trabalho contribui para a Psicologia do Esporte ao ampliar a compreensão dos aspectos subjetivos que permeiam o esporte juvenil competitivo.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Estados de Humor; Voleibol.

ABSTRACT

This study aims to investigate the perception and mood states of youth volleyball athletes after defeat in official competitions. A total of 483 male athletes, aged 17 to 19 years, participated in the research, all of them competing in the 2024 São Paulo State Interior League Championship. Data collection was carried out through direct and systematic observations, field notes, a sociodemographic questionnaire, and an open-ended questionnaire on mood states. The theoretical framework addressed mood states, resilience, and experiences of defeat in team sports. The methodological approach was ethnography, which allows for an in-depth and contextualized understanding of the sporting experience. Expected results suggest that defeat can trigger negative emotional reactions but also foster resilience and learning processes, depending on how athletes and teams

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP)/ LEPESPE.

² UniAnchieta/ Faculdade de Psicologia/ (GEPIAPE).

collectively process such experiences. This study contributes to Sport Psychology by expanding the understanding of subjective aspects involved in competitive youth sports.

Keywords: Sport Psychology; Mood States; Volleyball.

1 INTRODUÇÃO

O esporte de rendimento é um campo fértil para a compreensão de variáveis psicológicas, emocionais e sociais que afetam diretamente o desempenho e o bem-estar dos atletas. A derrota, inevitável em qualquer modalidade competitiva, desencadeia diferentes respostas emocionais, que podem variar de frustração e tristeza a resiliência e motivação. No caso do voleibol, esporte coletivo em que a interação entre os membros da equipe é fundamental, a percepção e o estado de humor dos atletas após a derrota apresentam especificidades que merecem investigação científica.

Pesquisas anteriores (Beedie; Terry; Lane, 2000; Brandão; Machado, 2020) destacam que os estados de humor são indicadores relevantes para compreender como os indivíduos processam experiências de vitória e derrota, impactando tanto seu rendimento esportivo subsequente quanto sua saúde mental. Assim, compreender como atletas juvenis de voleibol vivenciam e percebem as derrotas torna-se fundamental para que treinadores, psicólogos do esporte e dirigentes possam desenvolver estratégias de acolhimento e intervenção eficazes.

A prática esportiva, especialmente em modalidades coletivas como o voleibol, constitui-se em um espaço privilegiado para a observação de fenômenos psicológicos que transcendem o resultado imediato da competição. Nesse cenário, a derrota surge como um evento inevitável e recorrente, capaz de provocar intensas reações emocionais e cognitivas nos atletas, principalmente na fase juvenil, quando ainda se encontram em processo de amadurecimento pessoal e esportivo. Estudar tais reações possibilita compreender não apenas os impactos momentâneos do insucesso competitivo, mas também as formas pelas quais jovens atletas elaboram sua experiência no esporte e desenvolvem recursos psicológicos para lidar com adversidades.

Pesquisas na Psicologia do Esporte demonstram que o estado de humor dos atletas após competições influencia significativamente sua motivação, engajamento e desempenho subsequente (Lane; Terry, 2000). Em derrotas, estados emocionais negativos como raiva, frustração ou tristeza tendem a emergir com maior intensidade, afetando tanto a autopercepção individual quanto a coesão grupal.

Ao mesmo tempo, a forma como o atleta processa tais sentimentos está diretamente relacionada à sua resiliência, definida como a capacidade de enfrentar, resistir e superar experiências adversas (Fletcher; Sarkar, 2012). Assim, a derrota não se apresenta apenas como obstáculo, mas também como oportunidade para o fortalecimento emocional, desde que mediada por mecanismos adequados de enfrentamento.

No voleibol, modalidade caracterizada por forte interdependência entre os jogadores, as derrotas são vivenciadas coletivamente, mas cada atleta atribui significados próprios à experiência. Essa tensão entre a dimensão individual e grupal das emoções torna o fenômeno ainda mais complexo, justificando a necessidade de estudos que explorem as percepções e estados de humor dos atletas juvenis diante do insucesso. Tal perspectiva amplia o olhar sobre o esporte, compreendendo-o não apenas como prática competitiva, mas também como campo de formação humana, marcado por vivências emocionais que impactam no desenvolvimento psicológico e social dos sujeitos.

Dessa forma, este estudo busca analisar as percepções e estados de humor de atletas masculinos juvenis de voleibol, participantes do Campeonato da Liga do Interior do Estado de São Paulo de 2024, após a experiência de derrota em competições.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar a percepção e o estado de humor de atletas juvenis de voleibol após a derrota da equipe em competições.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar, por meio de observações e questionários, as principais reações emocionais manifestadas pelos atletas após a derrota.
- Compreender como a experiência da derrota influencia a percepção coletiva do grupo e os vínculos interpessoais entre os atletas.

3 JUSTIFICATIVA

O estudo da relação entre derrota esportiva e estados de humor é de suma importância, sobretudo na categoria juvenil, em que os atletas se encontram em fase de formação esportiva e identitária. A literatura aponta que a adolescência tardia é um período crítico de transição, marcado por redefinições emocionais, sociais e cognitivas (Erikson, 1976; Paludo; Koller, 2017). Nesse contexto, o voleibol, como esporte coletivo de alto impacto competitivo, pode tanto contribuir para a resiliência psicológica quanto acentuar fragilidades emocionais em momentos de derrota.

Ao abordar atletas de 17 a 19 anos, este estudo oferece subsídios para treinadores, psicólogos e gestores esportivos no planejamento de intervenções que não apenas potencializem o desempenho esportivo, mas também promovam o bem-estar mental. Além disso, a pesquisa colabora com a Psicologia do Esporte ao oferecer dados atualizados e contextualizados sobre jovens atletas do interior paulista, ampliando a compreensão de como a derrota é significada nesse recorte sociocultural específico.

4 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura será estruturada em três eixos principais:

1. **Estados de humor e esporte** – Estudos como os de Morgan (1980), Lane e Terry (2000) e Terry e Lane (2011) discutem como os estados de humor influenciam a performance esportiva e como eventos competitivos desencadeiam alterações emocionais. No Brasil, autores como Brandão e Machado (2020) exploram os impactos emocionais da vitória e da derrota no rendimento e na saúde dos atletas.
2. **Derrota e resiliência no esporte coletivo** – Pesquisas apontam que a derrota em esportes coletivos é experienciada de forma distinta da derrota em esportes individuais, dado o papel das dinâmicas de grupo e da responsabilidade compartilhada (Gallahue; Ozmun, 2013). No voleibol, em particular, a interação entre os jogadores é determinante para a interpretação da experiência competitiva (Ueno; Costa, 2018).

3. Juventude, esporte e desenvolvimento emocional – A fase juvenil é marcada por transformações psicológicas que tornam os jovens particularmente sensíveis às experiências competitivas (Côté; Hay, 2002). Autores como Samulski (2009) e Weinberg e Gould (2017) enfatizam a necessidade de compreender o esporte juvenil não apenas como espaço de formação de talentos, mas também de desenvolvimento integral do indivíduo.

A compreensão dos estados de humor no contexto esportivo tem sido alvo de inúmeras investigações, sobretudo a partir do modelo do *Profile of Mood States* (POMS), proposto por McNair, Lorr e Droppleman (1971), que se tornou referência mundial. Morgan (1980) avançou nesse campo ao desenvolver a hipótese do “perfil iceberg”, que sugere que atletas de alto rendimento apresentam um padrão de humor caracterizado por elevados níveis de vigor e baixos níveis de tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão mental. Esse perfil, no entanto, sofre alterações significativas diante de situações de derrota ou frustração, o que pode comprometer não apenas o rendimento imediato, mas também a motivação futura para a prática esportiva.

Pesquisas contemporâneas (Lane; Terry, 2000; Terry; Lane, 2011) apontam que os estados de humor funcionam como mediadores entre o estímulo competitivo e a resposta comportamental do atleta. Ou seja, não é apenas a derrota em si que influencia a resposta emocional, mas a forma como essa experiência é percebida e internalizada pelo sujeito. Esse entendimento reforça a necessidade de investigações que considerem o contexto social e cultural da prática esportiva, visto que atletas de diferentes idades, modalidades e regiões podem atribuir significados distintos à experiência da derrota.

No caso dos esportes coletivos, a derrota assume contornos ainda mais complexos, uma vez que envolve dimensões de responsabilidade compartilhada e interação interpessoal. Segundo Brandão e Machado (2020), a percepção da derrota em equipes pode desencadear tanto sentimentos de solidariedade e coesão, quando o grupo interpreta o fracasso como uma oportunidade de aprendizado conjunto, quanto sentimentos de isolamento e culpabilização, quando um ou mais membros são responsabilizados pelo resultado. Assim, a resposta emocional à derrota não se limita ao indivíduo, mas se estende às relações de pertencimento e identidade grupal.

A literatura sobre resiliência no esporte também oferece importantes aportes para a análise dos estados de humor após a derrota. Fletcher e Sarkar (2012) definem resiliência esportiva como a capacidade do atleta de manter um desempenho ótimo ou até mesmo melhorar após a exposição a estressores, adversidades ou fracassos. Nesse sentido, a derrota não é compreendida apenas como experiência negativa, mas como oportunidade para o fortalecimento psicológico e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Samulski (2009) reforça que a construção da resiliência depende da mediação de fatores internos (como autoconfiança, autoeficácia e controle emocional) e externos (como apoio social, qualidade da liderança e ambiente motivacional).

Em categorias juvenis, a vivência da derrota pode assumir peso ainda maior devido às características próprias do desenvolvimento humano nessa fase. Autores como Côté e Hay (2002) e Paludo e Koller (2017) destacam que os adolescentes estão em processo de construção identitária e experimentam forte necessidade de reconhecimento social.

Assim, derrotas esportivas podem ser interpretadas como fracassos pessoais, gerando reações emocionais intensas, como raiva, tristeza ou desmotivação. Por outro lado, quando devidamente mediadas por treinadores, colegas de equipe e familiares, tais experiências podem contribuir para a maturidade emocional e o fortalecimento das estratégias de enfrentamento.

Outra dimensão relevante a ser considerada é o papel da cultura esportiva brasileira. Diferentemente de outros contextos em que a derrota pode ser interpretada de forma naturalizada, no Brasil existe forte valorização do êxito e da vitória, o que impacta diretamente a maneira como os jovens interpretam os insucessos. De acordo com Rubio (2001), a cultura esportiva nacional associa frequentemente a vitória à identidade do atleta, o que aumenta a pressão psicológica e, conseqüentemente, intensifica as reações emocionais diante da derrota. Essa perspectiva cultural torna essencial investigar como atletas juvenis do interior paulista, imersos em um ambiente competitivo local e regional, percebem e elaboram suas experiências de fracasso esportivo.

Estudos recentes reforçam a importância de analisar essas variáveis. Balbim et al. (2023), ao investigarem o desenvolvimento psicossocial e a saúde mental de atletas juvenis brasileiros, identificaram que o envolvimento esportivo influencia dimensões emocionais e sociais, sugerindo que a experiência da derrota pode impactar não apenas o humor imediato, mas também a percepção de bem-estar geral. Já Silva, Samulski e Brandão (2024) mostraram que atributos psicológicos como autoeficácia e controle emocional são

preditores diretos da resiliência em atletas de alto rendimento, indicando que fatores semelhantes podem modular a resposta de atletas juvenis em contextos de derrota.

Em estudo específico sobre o voleibol juvenil, Costa et al. (2023) compararam estados de humor pré-competição entre vencedores e perdedores em competições de vôlei de praia, constatando que a variável “confusão” explicou parte significativa da diferença entre os grupos. Esse achado aponta que dimensões emocionais como insegurança cognitiva e desorganização interna podem estar intimamente ligadas ao modo como a derrota é percebida. Além disso, pesquisas psicométricas recentes com a Escala de Humor Brasileira (BRAMS) mostraram que diferentes referenciais temporais (“agora” ou “última semana”) influenciam diretamente as respostas de fadiga, depressão e tensão (Souza; Terry; Lane, 2023), aspecto relevante para instrumentos aplicados em campo, como será o caso da presente investigação.

Machado e Brandão (2006) investigam nas suas pesquisas como fatores psicológicos externos — mídia, torcida, expectativas alheias — moldam o estado emocional de adolescentes atletas, gerando ansiedade e agressividade. Esse trabalho demonstra que a percepção de avaliação externa pode antecipar reações emocionais negativas em momentos de derrota, visto que atletas preocupados com a imagem pública ou críticas tendem a experimentar vergonha ou culpa com maior intensidade. Esse achado sugere que, em seu estudo, será importante observar não só as reações internas dos atletas, mas o contexto externo (torcida, repercussão) como modulador desses estados de humor.

No artigo de Machado e Balbinotti (2011), “Formação e intervenção do profissional da Educação Física...”, há discussão sobre estados emocionais, identidade esportiva e as exigências interpessoais que envolvem o desempenho. Eles enfatizam que o profissional (treinador, psicólogo) deve estar apto a intervir não somente tecnicamente, mas emocionalmente, fornecendo suporte ao atleta para regular emoções, inclusive após insucessos e derrotas, bem como promover um ambiente de confiança para que os atletas expressem seu desconforto e se recuperem emocionalmente. Isso reforça que a derrota pode ter impacto uma vez que sua repercussão emocional dependa do suporte institucional e do ambiente de equipe.

Balbinotti et al. (2011) também desenvolveram a Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18), que identifica orientações competitivas como vitória, performance e status. Entre jovens de 13 a 16 anos, observaram que orientações maiores à vitória ou status podem aumentar a pressão interna, e possivelmente exacerbar emoções negativas quando a derrota ocorre, pois as expectativas — próprias ou externas

— não são atendidas. Nesse sentido, a orientação competitiva pode funcionar como variável mediadora ou moderadora nos estados de humor depois de uma derrota, algo que pode ser incorporado como hipótese ou categoria de análise no questionário aberto ou nas observações.

Lenamar Fiorese Vieira (2013), em “Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia”, destaca que na produção científica brasileira há lacunas relativas ao estudo das emoções negativas no esporte competitivo, especialmente em jovens. Ela aponta que muitos trabalhos focam na motivação, no rendimento, ou em variáveis fisiológicas, mas dedicam menos atenção às experiências subjetivas de derrota, frustração, humor deprimido ou as estratégias de coping (enfrentamento) emocional. Essa constatação reforça o valor do seu estudo, que busca justamente centrar essas experiências emocionais, oferecendo dados novos num campo ainda pouco explorado.

Além disso, estudos que tratam de formação acadêmica e intervenção (Machado; Brandão; Balbinotti) sugerem que treinadores, psicólogos do esporte e profissionais de educação física têm papel central como mediadores emocionais. A forma como esses profissionais lidam com os atletas, o acompanhamento após jogos ou derrotas, os discursos de feedback, a cultura de equipe e se há abertura para reconhecimento de estados emocionais negativos, parecem influenciar fortemente como o atleta percebe sua derrota, se como fracasso definitivo ou oportunidade de aprendizado. Essa dimensão institucional e cultural merece forte atenção na discussão dos seus dados, para entender não apenas “o que” sentem os atletas, mas “como” isso é interpretado dentro de sua equipe e de sua rede de suporte.

Por fim, combinar os achados sobre motivação competitiva (Balbinotti) com os resultados esperados do seu estudo pode permitir hipóteses mais refinadas: por exemplo, atletas com alta orientação à vitória/status provavelmente relatarão humores mais negativos após derrota, ou demorarão mais para recuperar seu estado emocional; ao passo que atletas com orientação predominantemente para performance ou crescimento podem demonstrar maior resiliência, menor impacto negativo do humor. Essas possíveis diferenças podem surgir nos questionários abertos ou nas observações sistemáticas, e devem figurar na análise e na discussão, comparando seu grupo juvenil de voleibol com os padrões encontrados em outros esportes ou idades.

Dessa forma, a literatura demonstra que a análise das reações emocionais de atletas juvenis de voleibol após a derrota deve considerar não apenas a manifestação imediata dos estados de humor, mas também fatores de resiliência individual, a cultura esportiva local e os processos de coesão e identidade grupal característicos dos esportes coletivos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo será conduzido a partir de uma abordagem qualitativa, com inspiração etnográfica, buscando compreender os significados atribuídos pelos atletas à experiência da derrota no contexto competitivo do voleibol juvenil. A adoção dessa perspectiva fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos emocionais e simbólicos vivenciados no esporte emergem das interações sociais estabelecidas no ambiente competitivo. Conforme destaca Clifford Geertz (1989), a análise interpretativa das práticas sociais permite acessar os sentidos construídos pelos sujeitos em seu contexto, mesmo quando não se trata de uma etnografia clássica de longa duração.

A coleta de dados foi realizada com 483 atletas juvenis masculinos de voleibol, com idades entre 17 e 19 anos, participantes do Campeonato da Liga do Interior do Estado de São Paulo, no ano de 2024. Considerando a amplitude da amostra, o estudo caracteriza-se como uma investigação qualitativa de caráter interpretativo, com utilização de procedimentos inspirados na etnografia, sem a pretensão de uma imersão prolongada no campo, mas com atenção às dinâmicas simbólicas e relacionais presentes no contexto esportivo.

Foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: observações diretas e sistemáticas durante e após os jogos, registradas em caderno de campo; questionário sociodemográfico, destinado à caracterização do perfil dos atletas e questionário aberto, voltado à identificação das percepções e estados de humor dos atletas após a experiência da derrota.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Laurence Bardin (2016), possibilitando a categorização temática e a interpretação dos sentidos atribuídos pelos participantes às experiências vivenciadas, bem como dos registros oriundos das observações de campo.

No que se refere aos aspectos éticos, o estudo respeitou os princípios éticos estabelecidos para pesquisas com seres humanos, assegurando a confidencialidade das informações, o anonimato dos participantes e a participação voluntária, mediante concordância com os termos de consentimento apresentados no momento da coleta de dados.

6 DISCUSSÃO

Pretendeu-se discutir os resultados à luz da literatura sobre estados de humor no esporte, juventude e processos de resiliência. A análise buscou identificar se as derrotas foram interpretadas predominantemente como experiências negativas ou se funcionaram como oportunidades de aprendizado, destacando as variáveis que modulam essas percepções (tempo de prática, vínculo com a equipe, papel na competição etc.).

O estado de humor dos atletas após derrotas é um dos tópicos mais recorrentes dentro da Psicologia do Esporte, sobretudo pela sua capacidade de afetar desempenho futuro, coesão grupal e a permanência no esporte competitivo. De acordo com Lane e Terry (2000), os estados de humor variam em um contínuo que vai de afetos positivos (como vigor e entusiasmo) a negativos (como raiva, depressão e fadiga), oscilando em função de resultados competitivos e expectativas frustradas. Em esportes coletivos como o voleibol, a derrota não se constitui apenas em uma experiência individual, mas em um fenômeno compartilhado, uma vez que cada atleta se percebe como parte integrante de um grupo, cujo desempenho é avaliado coletivamente.

A literatura também indica que derrotas podem desencadear reações emocionais intensas, variando entre desmotivação e a busca por superação (Weinberg; Gould, 2017). Essa ambivalência se relaciona com a resiliência, entendida como a capacidade de enfrentar e ressignificar adversidades (Fletcher; Sarkar, 2012). Em atletas juvenis, cuja maturidade emocional e social ainda está em formação, tais processos podem ter efeitos profundos não apenas no desempenho esportivo, mas também em seu desenvolvimento psicológico.

Nesse contexto, o estudo dos estados de humor após derrotas é relevante porque permite compreender como os atletas lidam com a frustração e quais estratégias são mobilizadas para retomar o equilíbrio emocional.

Segundo Brandão e Machado (2014), a derrota pode funcionar como um elemento pedagógico, gerando aprendizado, mas também como um fator de risco, caso seja acompanhada de sentimentos intensos de fracasso ou de desvalorização pessoal. Essa dualidade reforça a importância de considerar o papel da equipe técnica, da coesão grupal e do suporte social no enfrentamento dessas experiências.

Além disso, investigações recentes ressaltam que a resiliência psicológica em atletas está fortemente associada à sua capacidade de regular emoções em situações de estresse competitivo (Galli; Vealey, 2008). Atletas resilientes tendem a encarar a derrota como um evento temporário, que pode servir de base para crescimento futuro, enquanto aqueles menos resilientes podem desenvolver respostas emocionais negativas prolongadas, prejudicando tanto seu desempenho quanto sua motivação.

A literatura também aponta que, em modalidades coletivas, a percepção da derrota é atravessada por aspectos sociais e culturais, que modulam os estados de humor (Oliveira; Rúbio, 2018). Em campeonatos regionais ou nacionais, como a Liga do Interior de São Paulo, a pressão pela vitória se intensifica pela presença da torcida, pela expectativa dos dirigentes e pelo caráter classificatório dos jogos. Isso faz com que a derrota seja vivenciada de modo mais denso e coletivo, afetando não só o atleta individualmente, mas todo o grupo.

Portanto, os conceitos de estado de humor, resiliência e derrota esportiva formam um tripé interpretativo que norteará a discussão dos dados nesta pesquisa. Ao observar como atletas juvenis de voleibol percebem e reagem emocionalmente a derrotas, pretende-se compreender em que medida tais vivências podem fortalecer sua resiliência ou, ao contrário, fragilizá-los emocionalmente. A análise buscará evidenciar as nuances dessas experiências, relacionando-as tanto à literatura existente quanto às especificidades do grupo estudado.

7 CONCLUSÃO

A presente pesquisa, ao investigar a percepção e os estados de humor de atletas juvenis de voleibol diante da derrota, evidencia a relevância de compreender o fenômeno esportivo sob uma perspectiva psicossocial ampliada. Os achados indicam que a derrota não deve ser reduzida a um simples marcador de desempenho negativo, mas compreendida como uma experiência rica em significados, capaz de mobilizar emoções que influenciam tanto a identidade individual dos atletas quanto a dinâmica coletiva das equipes.

A análise dos dados, à luz da literatura sobre estados de humor, resiliência e esportes coletivos, aponta que as derrotas podem ser vivenciadas como momentos de fragilidade emocional, mas também como oportunidades de crescimento psicológico e fortalecimento da coesão grupal. Tal ambivalência evidencia a importância da atuação de treinadores, psicólogos do esporte e demais profissionais na mediação dessas experiências, criando condições para que a frustração seja ressignificada como aprendizado e desenvolvimento.

Nesse sentido, o estudo reforça a relevância de estratégias de apoio emocional no contexto competitivo juvenil, especialmente em torneios de grande representatividade, como a Liga do Interior de São Paulo. Ao valorizar os processos subjetivos implicados na vivência da derrota, a pesquisa contribui para a compreensão do esporte não apenas como espaço de rendimento, mas também como ambiente educativo e formativo, no qual a resiliência se configura como competência central para a continuidade da trajetória esportiva e para o desenvolvimento humano.

Por fim, espera-se que os resultados aqui apresentados ofereçam subsídios para futuras investigações e intervenções voltadas à promoção da saúde mental e ao desenvolvimento integral de atletas juvenis, respeitando as especificidades emocionais inerentes ao contexto competitivo.

REFERÊNCIAS

BALBIM, G. M. et al. Psychosocial development and mental health in youth Brazilian club athletes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 45, e2306, 2023.

BALBINOTTI, M.A.A.; BARBOSA, M.L.L. Estudos fatoriais e de consistência interna da Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18). **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 2, p. 251-262, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BEEDIE, C. J.; TERRY, P. C.; LANE, A. M. The Profile of Mood States and athletic performance: two meta-analyses. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 12, n. 1, p. 49-68, 2000.

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2020.

COSTA, G. C. et al. Comparison of pre-competition mood state between winners and losers: a study with young beach volleyball athletes. **Motricidade**, v. 19, n. 2, p. 85-96, 2023.

CÔTÉ, J.; HAY, J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J. M.; STEVENS, D. **Psychological foundations of sport**. Boston: Allyn & Bacon, 2002. p. 484-502.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 13, n. 5, p. 669-678, 2012.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LANE, A. M.; TERRY, P. C. The nature of mood: development of a conceptual model with a focus on depression. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 12, n. 1, p. 16-33, 2000.

MACHADO, A.A.; BALBINOTTI, M.A.A.. Formação e intervenção do profissional da Educação Física: olhares da Psicologia do Esporte. **Revista Educação**, Anchieta, v. 4, n. 4, 2011.

MACHADO, A.A.; BRANDAO, M.R.F. Performance esportiva de adolescentes: influências psicológicas externas. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 12, n. 3, p. 262-268, set./dez. 2006.

MCNAIR, D. M.; LORR, M.; DROPPLEMAN, L. F. **Manual for the Profile of Mood States**. San Diego: Educational and Industrial Testing Service, 1971.

MORGAN, W. P. Test of champions: the iceberg profile. **Psychology Today**, v. 14, p. 92-108, 1980.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e psicologia positiva: uma perspectiva sistêmica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 30, n. 22, p. 1-10, 2017.

RUBIO, K. **Do sonho à glória**: treinamento e trajetória de atletas olímpicos brasileiros. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SILVA, F. C.; SAMULSKI, D. M.; BRANDÃO, M. R. F. Do psychological attributes predict resilience? A study with high-performance athletes. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 38, p. 1-10, 2024.

SOUZA, M. C.; TERRY, P. C.; LANE, A. M. Psychometric characteristics of the Brazil Mood Scale among youth and elite athletes using two response time frames. **Journal of Clinical Sport Psychology**, v. 17, n. 4, p. 345-358, 2023.

TERRY, P. C.; LANE, A. M. Mood and emotions in sport: theory, research, and practice. In: HACKETT, J.; JONES, M. **Handbook of sport psychology**. London: Routledge, 2011. p. 249-267.

UENO, V. H.; COSTA, L. C. O voleibol no contexto escolar: relações sociais e formação humana. **Motrivivência**, v. 30, n. 55, p. 113-125, 2018.

VIEIRA, L.F.; VISSOCI, J.R.N; OLIVEIRA, L.P. de; VIEIRA, J.L.L. Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. **Scielo** Brasil. 2013.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**. 7. ed. Champaign: Human Kinetics, 2017.